

PATRIARCADO, GÊNERO E EDUCAÇÃO: PROBLEMATIZAÇÕES [SEMPRE] PRESENTES NO AMBIENTE ESCOLAR¹

Edson Carpes Camargo*, Paula Gheller**

* Pedagogo. Doutor em Educação. Docente do IFRS.

** Acadêmica do curso de Licenciatura em Física do IFRS.

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS
Campus Bento Gonçalves*

Resumo

Enquanto sujeitos históricos e culturais, educadores e educandos, estão em permanente processo de humanização e integração, refletindo sobre as suas experiências. O processo de Formação Continuada e a necessidade de se trazer para o debate as relações de gênero serviram de justificativa para este estudo. Diante disso, esta pesquisa tem por objetivo problematizar como se estabelecem as relações de gênero no ambiente escolar a partir da participação ativa d@s professor@s que atuam na Educação Infantil de um município da serra gaúcha. Sendo assim, como processo metodológico optou-se pela realização de Grupos de Discussão em que as questões balizadoras buscaram relacionar as questões de sala de aula com a ação e o pensamento d@s professor@s. As respostas foram analisadas sob a ótica da Análise de Conteúdo e demonstraram que, apesar dos debates constantes abordando as relações de gênero, esta temática ainda carece de maior enfrentamento por parte de toda a sociedade.

Palavras-Chave: Relações de gênero. Patriarcado. Ambiente escolar. Formação continuada.

INTRODUÇÃO

Ao educador cabe colocar em análise questões que transcendem o conteúdo elementar, problematizando questões sociais atuais para o seu espaço de trabalho, qual seja, a sala de aula. Ao olhar para a sociedade, o educador percebe temas que estão em pauta e que necessitam de uma abordagem elementar para os educandos, que estão em permanente construção. As questões de gênero, que estão sendo debatidas há alguns anos, propiciam grande material de discussão na educação básica. Não apenas os educandos, mas também os educadores a partir de suas experiências e reflexões podem colocar em prática seus conhecimentos criando um novo olhar sobre os sujeitos contemporâneos.

O sistema patriarcal se caracteriza pela tentativa de definir a inferioridade da

¹ Estudo desenvolvido a partir do Projeto de Pesquisa desenvolvido no Instituto Federal do Rio Grande do Sul – *Campus* Bento Gonçalves denominado “Coisas de... menin@? Problematizações acerca das relações de gênero e sexualidade no ambiente escolar”.

mulher como algo natural. Estabelecendo papéis e espaços diferenciados, as mulheres devem cuidar da casa, do bem estar do marido, da criação e educação dos filhos. Papel do lar, imposto a elas, pelo fato de sua capacidade de maternidade.

Diante desse contexto e considerando a necessidade de debates constantes que tenham como foco as relações de gênero, relacionando-as com o processo educativo, elaborou-se o presente estudo buscando analisar os discursos de professor@s numa tentativa de identificar suas concepções de masculino e de feminino.

1 REVISÃO DE LITERATURA

Dentre as análises sobre gênero, aquela que relaciona os fatores biológicos ao conceito de gênero remonta aos primeiros estudos quando o assunto são as relações de gênero. Na década de 1960, momento em que desponta a segunda fase do feminismo, uma corrente muito forte considerou o gênero como a distinção entre masculino e feminino, tomando por base os fatos da biologia. Neste cenário, Nicholson (2000) menciona a existência do “fundacionismo biológico”, no qual coexistem corpo, personalidade e comportamento em relações consideradas como acidentais em contraposição ao determinismo biológico, ou seja, que a biologia determina os aspectos da personalidade e do comportamento. O “fundacionismo biológico” se afasta do determinismo por permitir que os dados biológicos coexistam com os aspectos da personalidade. Dessa forma, o fundacionismo biológico tornou-se um obstáculo à verdadeira compreensão das diferenças entre homens e mulheres, generalizando o conceito de identidade sexual e vinculando-a ao que é específico de uma determinada cultura.

Contudo, tanto determinismo como fundacionismo ainda relacionam o gênero às questões biológicas, contribuindo para o que é chamado de naturalização dos gêneros, baseados nas concepções biologizantes de ser homem e ser mulher, resultando na construção de papéis dicotomizados. Frente a isso estão as representações de masculino e feminino que, para Carvalho & Tortato (2009), são determinadas socialmente para homens e mulheres, baseadas em uma visão dicotômica e binária, em que aparecem, em contraposição, estereótipos, como racionalidade/sensibilidade, dominação/passividade, cérebro/coração, público/privado.

A superação da concepção dualista torna-se essencial para que sejam possíveis

outros pensares sobre as relações de gênero, como o faz Giffin (2006) ao problematizar a natureza androcêntrica da ciência salientando a importância de que o “movimento de mulheres [...] almejou um autoconhecimento e uma transformação do lugar das mulheres: uma proposta de saber e poder” (p. 636).

Joan Scott (2011) em seu artigo clássico denominado Gênero: uma categoria útil para análise histórica, critica os historiadores que se propuseram a contar a história das mulheres, mas não se distanciaram das abordagens tradicionais das ciências sociais, acarretando uma abordagem essencialmente descritiva para o que se considera gênero. Ao apresentar uma abordagem histórica para a necessidade que se tem de buscar sempre um significado para as coisas, Scott traça o seu discurso acerca do conceito de gênero fazendo recortes relevantes sobre o uso inadequado do conceito e o modo como esteve relacionado a traços de caráter ou traços sexuais.

Nesse sentido, a autora salienta que a utilização do termo gênero é recente, “como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos” (p. 72), abandonando a ideia, assim como o faz Linda Nicholson, de que o determinismo biológico é o principal responsável pela distinção entre homens e mulheres, pois, ao debater sobre a condição da mulher, torna-se necessário debater também sobre a condição do homem, uma vez que ambos estão envolvidos em uma noção relacional de gênero.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e de caráter exploratório, que conforme Gil (2007), permite ao pesquisador uma maior visibilidade sobre o tema estudado, oferecendo respostas aos questionamentos iniciais, assim como novas suposições e ideias que não foram anteriormente pensadas.

Enquanto instrumentos de pesquisa, escolhemos o grupo de discussão e a entrevista narrativa, utilizados pela pesquisadora Wivian Weller em seus estudos. O pesquisador Friedrich Pollok foi um dos pioneiros a utilizar o grupo de discussão na pesquisa social empírica, especificamente em estudo realizado entre 1950 e 1951. Conforme Weller (2006), foi somente a partir de 1970 que o procedimento de grupo de discussão ficou caracterizado como método, “por ancorar-se no interacionismo simbólico, na fenomenologia social e na etnometodologia” (WELLER, 2006, p. 244).

Os Grupos de Discussão serão formados por professor@s da Educação Básica do município de Bento Gonçalves. As discussões serão gravadas em áudio e posteriormente degradadas, facilitando a análise do conteúdo. O Roteiro de Discussão será organizado em pelo menos seis blocos, englobando questões pessoais, relacionais, educacionais e profissionais. Após a realização do grupo de discussão, os/as participantes responderão a um questionário elaborado pela equipe de pesquisa abarcando questões pessoais que auxiliem na categorização do grupo.

Como referencial bibliográfico, utilizaremos os conceitos das teorias feministas embasadas nas obras de Scott (1998, 2011), Safiotti (1987, 1995), Perrot (1992, 2005), Luz (2009) e Lagarde y los Rios (2005). Utilizaremos ainda, o método documentário proposto por Karl Mannheim, em sua Sociologia do Conhecimento. De acordo com Bohnsack (2010), o método documentário desloca a interpretação do modo o que para o como. Sendo assim, a tarefa de quem pesquisa ultrapassa o sentido de explicar a realidade para analisar como é constituída a realidade em que os sujeitos estão inseridos.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Dos primeiros resultados, foi possível classificar as respostas das entrevistas em três categorias, as quais tratarão sobre as diferenças (ou não) nas aprendizagens e nas organizações, além de tratar sobre a importância e a possibilidade de debater este assunto na escola.

Foram exploradas as questões que tencionavam as percepções d@s professor@s acerca das diferenças na aprendizagem por parte de meninos e meninas. Essa categoria foi denominada de *Aprendizagem*, no que um/uma d@s participantes menciona que “de um modo geral percebo que há diferença. Eu não diria no nível da aprendizagem, por que nos termos da capacidade de aprendizagem eu não vejo diferença, eu vejo na questão do interesse essa diferença” (Professora 4).

Outra categoria refere-se à importância dada ao debate sobre as questões de gênero e sexualidade na escola. Aqui, um/uma participante menciona que:

Eu não ouvi eles (os alunos) dizerem que não querem essa discussão dentro da sala de aula, né? Eles que tinham que dizer, não os pais deles. Eles tinham que dizer, ‘paiê’, [...] não, mas a profe falou sobre isso. A profe não tá ensinando ninguém lá, um menino a ser menina ou meninas a ser meninos, ela está nos

ensinando a nos respeitar'. Eles querem ouvir, eles querem conversar sobre isso, eles querem perguntar, eles querem. Eles adoram, eles sentem curiosidade e além das curiosidades eles ainda se sensibilizam. (Professora 6)

Tratar de sexualidade na escola de educação básica, torna-se essencial, pois ainda existe uma noção de que os 'padrões sociais estabelecidos' são os que devem ser seguidos. Contudo, @s alun@s que se apresentam na escola hoje, são sujeitos da diversidade, da diferença, quebrando todos os padrões que até então estavam estabelecidos.

CONSIDERAÇÕES

Enquanto educadores, é saliente pensar a formação pedagógica como um dilema a ser desnudado a partir da concepção de prática e de teoria que são assumidas frente ao processo pedagógico. Na *Pedagogia do Cotidiano*, em que homens e mulheres são constantemente representados por cores, sentimentos, expressões e atitudes, o gênero enquanto categoria de análise tem auxiliado neste tensionamento de discursos, questionando o patriarcado no que ele tem de mais seguro: seu discurso de que a condição de subordinação das mulheres faz parte da natureza feminina.

Além disso, os estudos acerca das relações de gênero e sexualidade contribui para a tomada de consciência política de que o movimento social (feminista, LGBTQ) propicia a visibilidade desta luta por uma vida mais digna, que passa pela desconstrução de um tipo de poder desdobrado em privilégios conquistados e mantidos ao longo da história.

Diante disso, acreditamos que a problematização que envolve as relações de gênero e as diversas sexualidades que se fazem presentes no espaço escolar permitiu emergir um novo olhar sobre a ação educativa no município *locus* da ação.

REFERÊNCIAS

EGGERT, Edla. Supremacia da masculinidade: questões iniciais para um debate sobre violência contra mulheres e educação. **Cadernos de Educação I** FaE/UFPEl, Pelotas, p. 223-232, jan-jun 2006.

GRÖSZ, Dirce Margarete. **Representações de gênero no cotidiano de professoras e professores**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** Tradução de Maria do Carmo Monteiro Pagano. Educação, Porto Alegre, PUCRS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

____. **Caminhar para si.** Tradução de Albino Pozzer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

LAGARDE, Marcela. **Cautiverios de las mujeres:** madresposas, monjas, putas, presas y locas. 4. ed. Ciudad del México: UNAM, 2005.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Tradução de Denise Bottmasssnn. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

____. **As mulheres ou os silêncios da história.** Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

____; ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de Gênero:** poder e impotência. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SCOTT, Joan. **A invisibilidade da experiência.** Tradução de Lúcia Haddad. Projeto História, São Paulo, n. 16, fev. 1998.

____. **Gênero:** uma categoria útil para a análise histórica. Disponível em: Acesso em 12 de agosto de 2011.

SILVEIRA, Maria Lúcia da; GODINHO, Tatau (orgs.). **Educar para a igualdade:** gênero e educação escolar. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, SME, 2004.

WELLER, Wivian. **Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens:** aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (org.). **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação:** teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2010.